

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

EMANUELLE BRUSCHI GAMA DA SILVEIRA

**OS CONTOS DE FADAS NAS PRÁTICAS DE
ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS**

**SÃO PAULO
2023**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

EMANUELLE BRUSCHI GAMA DA SILVEIRA

**OS CONTOS DE FADAS NAS PRÁTICAS DE
ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Pedagogia, como exigência parcial para obtenção do diploma de **Pedagogo**, da Faculdade de Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Anita Viviani Martins

**SÃO PAULO
2023**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO- CURSO DE PEDAGOGIA

EMANUELLE BRUSCHI GAMA DA SILVEIRA

OS CONTOS DE FADAS NAS PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS

BANCA EXAMINADORA

Presidente e orientador: Profa. Dra. _____

1° Examinador: Profa. Dr. _____

2° Examinador: Profa. Dr. _____

São Paulo, de

de 2022

SÃO PAULO

2023

MEMORIAL

Nascida em São Paulo-SP, Emanuelle Bruschi Gama da Silveira foi criada pelos seus pais, Viviane e Marcello, e seus avós maternos, Regina e Osnil. Embora tenha se desenvolvido em uma cidade grande, repleta de turbulências, crescia em uma casa acolhedora, repleta de amor. Um lar que parecia cada ano maior para conseguir receber uma família tão grande. O espaço somado aos primos, que estavam sempre presentes, formavam os elementos essenciais para a construção de brincadeiras e fantasias. E com certeza, a brincadeira favorita da autora sempre foi a de faz-de-conta.

Nesse sentido, desde a infância, a autora do Trabalho de Conclusão de Curso, admira os Contos de Fadas. Os textos curtos com personagens fantásticos lhe despertavam grande interesse, pois os elementos, que são imaginários, pareciam tão reais para ela, pois conseguia se identificar em cada um deles.

Talvez seja influência de sua criação familiar talvez seja dos Contos de Fadas ou até mesmo da sua formação espiritual, mas junto com sua capacidade imaginativa apresentava também uma menina muito sonhadora, e seu maior sonho era ter um irmão. Felizmente, seu maior sonho se realizou, quando tinha 9 anos.

No entanto, seus sonhos não paravam por aí...

Paradoxalmente pra quem chorou tanto nos primeiros dias de aula por não querer ir à escola, jamais iria imaginar que choraria mais ainda quando se formava dela (e todo ano quando trocava a professora). Foi assim que o amor à educação foi se construindo, através do olhar maravilhado que depositava em cada professora, através do laço com os amigos, o espaço que representava um lar e pela vontade incansável de saber mais. A autora enxergou na educação um potencial transformador. E como uma boa sonhadora, que almejava uma sociedade melhor, não poderia escolher uma outra profissão que não estivesse atrelada à educação.

No entanto, não foi uma decisão fácil e rápida. Escolher fazer pedagogia traz consigo muitos julgamentos que lhe causavam medo e insegurança. E por mais

que tentasse ir atrás de outros cursos e procurar outros interesses, sempre voltava à vontade de ser professora.

Superando tudo isso, a autora cursou pedagogia, e hoje não precisa mais “fingir” corrigir atividades e anotar na agenda, ela pode viver na prática sua brincadeira de faz de conta. A sua criação em um ambiente afetuoso e ético, concedeu-lhe aparatos para que desenvolvesse extrema sensibilidade e crer no valor da educação e na infância através do cuidado. Essas características são notadas na assistência de docência in loco, em sua prática educativa que é atrelada ao amor e a afetividade, na valorização da leitura infantil como despertar imaginativo e sensível da criança.

Durante a faculdade, estudando Paulo Freire, seu desejo de fazer pedagogia se resumiu tão bem quando o educador diz “Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo”, pois é isso que a move e o que dá sentido em sua vida.

Além disso, outra situação paradoxal aconteceu, dessa vez na faculdade. Emanuelle se alfabetizou depois de seus colegas, por muito tempo sentiu uma resistência em ler e escrever, por não se considerar suficientemente boa para isso. Treze anos depois, sua unidade temática favorita se tornou justamente a alfabetização. A sua curiosidade cognitiva despertou uma melhor compreensão sobre este processo, resignificando os sentidos e sentimentos a respeito da alfabetização. Ao comparar o método tradicional com a abordagem construtivista, ela percebeu como este pode ser um processo leve. Desta forma, se encantou pelo processo e pela magia que pode ser o aprendizado de ler e escrever.

Deste modo, é uma imensa felicidade pesquisar sobre Contos de Fadas e alfabetização, dois aspectos que acompanharam a trajetória da autora, pois definitivamente há uma contribuição mútua, que bem explorada pode inspirar e auxiliar nas práticas pedagógicas.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos educadores que fazem da sua prática a diferença para uma
educação mais humana.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, por possibilitar tantas oportunidades de estudos e oferecer meios para conseguir ultrapassar os obstáculos durante a realização do trabalho.

Aos meus pais, Viviane e Marcello, que sempre se esforçaram para me proporcionar uma boa educação e foram suporte ao longo da minha trajetória pessoal e acadêmica.

Aos meus avós, Regina e Osnil, por apoiarem minhas escolhas e se orgulharem de cada conquista.

A minha avó, Ondina (*in memoriam*), pois sei que ela zela por mim.

A orientadora, Prof.^a Dr.^a Maria Anita Viviani Martins, pela dedicação e incentivo, e por acreditar em mim até quando eu mesma duvidava. Agradeço a todos os professores que tive ao longo do curso, pela partilha e ensinamentos que levarei nas minhas práticas pedagógicas.

EPÍGRAFE

“Ensinar a ler e escrever é um desafio que transcende amplamente a alfabetização em sentido escrito. O desafio que a escola enfrenta hoje é o de incorporar todos os alunos à cultura do escrito, é o de conseguir que todos os seus ex alunos cheguem a ser membros plenos da comunidade de leitores e escritores”

Delia Lerner

RESUMO

SILVEIRA, Emanuelle Bruschi Gama da. **Os Contos de Fadas nas práticas de alfabetização de crianças**. 2023. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP 2023

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa explicativa, de metodologia bibliográfica. Fundamentou-se em estudos de Ferreiro (2011), Lerner (2002), Bettelheim (2021) entre outros. O objetivo geral é refletir sobre as contribuições dos Contos de Fadas no processo de ensino e aprendizagem de crianças na alfabetização. Desta forma, preocupou-se em caracterizar os Contos de Fadas no universo da Literatura Infantil; analisar os Contos de Fadas a partir de uma perspectiva psicanalítica, segundo Bruno Bettelheim; discorrer sobre o processo de alfabetização, levando em consideração a formação de comportamentos leitores e escritores; e discutir as contribuições dos Contos de Fadas em práticas educativas no processo de alfabetização. Os resultados deste trabalho apresentam como os Contos de Fadas são textos valiosos, que além de envolver e estimular a imaginação do educando, são pedagogicamente pertinentes no ensino escolar como recurso para a alfabetização.

Palavras-chave: Contos de Fadas, Alfabetização, Literatura, Aprendizagem, Escrita.

ABSTRACT

SILVEIRA, Emanuelle Bruschi Gama da. **Fairy Tales in children's literacy practices**. 2023. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP 2023.

The present work is an explanatory research of bibliographic methodology. It was based on studies by Ferreiro (2011), Lerner (2002), Bettelheim (2021) among others. The overall goal is to reflect on the contributions of the Fairy Tales in the process of teaching and learning children in literacy. In this way, he was concerned with characterizing Fairy Tales in the universe of Children's Literature; analyze Fairy Tales from a psychoanalytic perspective, according to Bruno Bettelheim; discuss the literacy process, taking into account the formation of reading and writing behaviors; and discuss the contributions of Fairy Tales in educational practices in the literacy process. The results of this work show how Fairy Tales are valuable texts, which in addition to involving and stimulating the imagination of the student, are pedagogically pertinent in school teaching as a resource for literacy.

KEY-WORDS: Fairy Tales, Literacy, Literature, Learning, Writing.

SUMÁRIO

	PÁG
.....	
INTRODUÇÃO	
CAPÍTULO 1. A LITERATURA INFANTIL E O CONTO DE FADAS	
1.1. A origem do Conto de Fadas.....	
1.2. Relevância sócio-histórica do Conto de Fadas	
1.3. Os Contos de Fadas sob uma perspectiva psicanalítica	
CAPÍTULO 2. ALFABETIZAÇÃO E O APRENDIZADO DA LÍNGUA ESCRITA	
CAPÍTULO 3. O RESULTADO DO ALFABETIZAR A PARTIR DOS CONTOS DE FADAS	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
REFERÊNCIAS	

Número das paginas incluir no SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

A literatura está intrínseca à existência humana. Como a moradia, alimentação, a saúde e a liberdade são reconhecidas como direitos de todos os cidadãos, Antônio Candido (2004) conclui, a partir de um termo do sociólogo e economista Louis-Joseph Lebret, que a literatura também corresponde a um direito inalienável, uma vez que é um bem **incompreensível e in mesmo?**) da humanidade, pois o ser humano tem a necessidade de sonhar, inconscientemente e conscientemente, de criar fabulações e de fruir.

“A literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade. E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidade, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, causo, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance” (CANDIDO, 2004, p.174) **.ORGANIZE AS CITAÇÕES CONFORME A ORIENTAÇÃO PARA FORMATAÇÃO**

Portanto, em uma sociedade justa e igualitária, que pressupõe o respeito dos direitos humanos, o direito à fruição da literatura não pode ser violado, pois corresponde a uma necessidade profunda universal e negá-lo seria uma transgressão que oprime a expressão, o pensar e a essência do ser humano.

O fenômeno literário, segundo Cândido, **(ano)** está atrelado a três aspectos: (a) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (b) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (c) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. É essencial que todos esses aspectos fluem simultaneamente nas produções literárias, a fim de permitir ao homem apropriar-se da poderosa força da palavra organizada, e torná-lo capaz de ordenar sua própria

mente e seus sentimentos e, conseqüentemente, organizar melhor sua visão de mundo. (CANDIDO, 2004).

Tal como o sonho provoca no sono o equilíbrio psíquico, a literatura provoca o equilíbrio social na sociedade. Deste modo, Antonio Candido, (ANO) define a literatura como o sonho acordado das civilizações, de tal forma que cumpre um crucial papel humanizador, porque “desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 2004, p.180).

Nesse sentido, a literatura como manifestação sócio-cultural é um instrumento valioso de instrução e educação, pois é reflexo das crenças, normas e impulsos de cada sociedade.

Tendo em vista, a função humanizadora e formadora da literatura e sua constituição como um direito humano, à educação literária nas escolas revela-se fundamental. A literatura infantil, permite a partir do fictício e imaginário, que a criança se construa no mundo, à medida que oferece meios de interpretação do real e de si mesma, com a realização de suas fantasias e de seus conflitos internos. Ademais a literatura infantil é um instrumento atrativo para entrada no mundo letrado, uma vez que a escola, desde os tempos mais antigos, teve como função primordial a formação do cidadão, é indispensável formar os alunos para terem comportamentos leitores e escritores, e o ensino da literatura infantil se destaca.

Com o passar dos anos fui-me convencendo de duas coisas: primeira, uma proposta de educação que se quer de fato transformadora, competente, democrática, emancipatória, construtivista só será possível se a escola tiver sucesso no empreendimento de formar leitores; segunda, a literatura infantil, por seu caráter lúdico-mágico é o caminho natural, a chave mágica que abre a porta de entrada principal que dá acesso ao mundo da leitura e a tudo o que ela pode proporcionar (FRANTZ, 2001, p. 14, apud RODRIGUES et al., 2013, p.2)

Isto é explícito, uma vez que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento definidor dos aprendizados fundamentais durante toda a trajetória escolar do aluno, reconhece a importância da literatura infantil em todas as áreas de conhecimento, uma vez que é uma disciplina amplamente formativa.

Nesse sentido, dentre as dez Competências Gerais da Educação Básica, literatura é a terceira, representada da seguinte forma: "Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural".

Através da literatura infantil, a criança tem acesso às heranças artísticas e culturais, de uma maneira acessível à sua idade, enriquecendo seu conhecimento, ampliando seu repertório e construindo sua personalidade. Através do maravilhoso, da fantasia e do lúdico, a criança descobre e interpreta o mundo ao seu redor, provocando o imaginário e a curiosidade, despertando a liberdade de pensamento. “A literatura infantil é também ludismo, é fantasia, é questionamento, e dessa forma consegue ajudar a encontrar respostas para as inúmeras indagações do mundo infantil, enriquecendo no leitor a capacidade de percepção das coisas” (FRANTZ, 2001, p. 16, apud RODRIGUES et al., 2013, p.2). Por conseguinte, a literatura infantil proporciona à criança um desenvolvimento emocional, social e cognitivo inegável.

EMANUELLE ao finalizar avalie a organização dos parágrafos, e como eles cooperam para o bom entendimento do nosso leitor.

1 A LITERATURA E OS CONTOS DE FADAS

1.1 A origem dos Contos de Fadas

Até o século XVII não existiam livros voltados para crianças, segundo Zilberman (2003, p. 15) “Os primeiros livros para crianças foram produzidos ao final do século XVII e durante o século XVIII. Antes disso, não se escreviam para elas, porque não existia a infância” (apud SILVA et al., 2021, p.2). A partir de transformações sociais e de uma nova concepção de família na Europa, a criança passou a ser enxergada, uma vez que era considerada como integrante desta constituição parental, logo necessitava de ensino, disciplina e controle, a fim de respeitar as normas e os padrões sociais, levando em consideração que esta tem necessidades particulares. Deste modo, a literatura infantil e a reforma da escola tornam-se instrumentos de domínio e influência do desenvolvimento intelectual e emocional das crianças.

O francês Charles Perrault (1628-1703) é considerado o pioneiro da literatura infantil. No século XVII, Perrault coleta narrativas populares e lendas da Idade Média que antes eram destinadas aos adultos e realiza uma adaptação de modo torná-las acessíveis ao público infantil, como também atribui-lhes valores comportamentais da classe dominante, a burguesia (CADEMARTORI, 1986, apud RODRIGUES et al., 2013, p.3). Desta forma, constitui aquilo que é chamado de conto de fadas.

Os seus contos são recheados de uma “uma mensagem moral explícita, normalmente colocada em apêndices sob a forma de versos” (SCHNEIDER; TOROSSIAN, 2009, p. 135, apud VICENTE, 2014, p. 29), que tinha como finalidade servir de orientação e de ensinamento aos que a ouvissem. Os contos que Perrault dedicou à literatura infantil são os seguintes: Contos da mãe gansa, A bela adormecida, Cinderela, Chapeuzinho vermelho, Barba azul, Henrique do topete, O gato de botas, As fadas, A gata borralheira, O pequeno polegar, entre outros.

A origem da literatura infantil também está atrelada aos irmãos alemães, Jacob e Wilhelm Grimm. No século XIX, a partir de suas viagens pela Alemanha, conversavam com o povo, colecionando as histórias e lendas transmitidas oralmente, e **as** transcreviam transformando em literatura infantil e eternizando a

tradição oral. Conforme Góes (1991), nesta época acontecia o movimento romântico na literatura, e isto provocou um sentido mais humanitário nos contos (apud SCHENEIDER e TOROSSIAN, 2009, p. 136).

A violência mais presente nos contos de Perrault concede espaço ao humanismo que, de forma delicada, perpassa as histórias escritas pelos irmãos Grimm, preconizando a solidariedade e o amor ao próximo. Os aspectos mais agressivos ainda se mostram presentes, personificados principalmente na figura do Lobo e da Bruxa, porém, ao final, impera a esperança, a confiança na vida e o indispensável final feliz. (SCHENEIDER e TOROSSIAN, 2009, p. 136).

Desta forma, nos contos dos Irmãos Grimm, o bem sempre vence o mal, conquistando um final feliz. Entre os mais conhecidos dos contos de Grimm estão os seguintes: *A bela adormecida*, *Os músicos de Bremen*, *Os sete anões e a branca de neve*, *O chapeuzinho vermelho*, *A gata borralheira* (COELHO, 1998, p. 74, apud RODRIGUES et al., 2013, p.5).

Embora, Perrault seja considerado o pioneiro da literatura infantil, o poeta e novelista dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875), é considerado o pai da literatura infantil, uma vez que, diferente dos outros autores que adaptaram as histórias contadas oralmente à realidade infantil, Andersen, realmente criou narrativas para esse público. A partir da influência das histórias narradas por seu pai, conseguiu transformar o sofrimento da sua infância em conto de fadas, discorrendo de forma poética e melancólica profundezas da sua própria alma. A partir do maravilhoso e fabuloso, atribui o protagonismo à infância, representa os sentimentos de incompreensão da criança sonhadora, a esperança de um final feliz e apresenta de forma leve e sutil uma moral.

A literatura assinala três importantes vértices que tornam a obra de Andersen inédita: a criança retratada por meio dos personagens, brinquedos que ganham vida e histórias nas quais o papel principal é ocupado por uma criança. Esses personagens infantis que falam pelas crianças expressando seus sofrimentos e temores têm na obra do Patinho Feio sua representação mais significativa. Alguns autores aludem a esse conto, em especial, como sendo o retrato da vida do escritor e seu difícil percurso (SCHENEIDER e TOROSSIAN, 2009, p. 137).

Outros contos que o autor dedicou às crianças são Soldadinho de Chumbo, A Roupa Nova do Imperador, A Pequena Sereia, Polegarzinha e a Pedra da Sabedoria.

1.2 Relevância sócio-histórica dos Contos de Fadas

Os contos datam desde os períodos mais remotos, quando o ser humano adquire a fala e passa a contar histórias e narrativas, seja para relatar acontecimentos reais, seja para transmitir uma mensagem moral, seja para utilizar a fantasia para superar as dificuldades do real. É indiscutível a relevância sócio histórico-cultural dos contos, retratando e carregando por anos, a tradição e costumes de muitos povos de modo transgeracional. Logo, a origem dos contos se perde no tempo, mas até hoje, esse gênero literário permanece vivo, recebendo grande prestígio e encantando crianças e adultos.

Os contos de fadas são tão fascinantes e a leitura torna-se tão especial e prazerosa, pois vai muito além de divertir e de entreter. Os contos de fadas permitem que o leitor mergulhe em outro espaço e outro tempo, e mesmo com um cenário tão diverso é possível que ele se reconheça nos personagens.

“Como estão, porém, em outros contextos e são fictícias, nos permitem um certo distanciamento e acabam nos ajudando a entender melhor o sentido de nossas próprias experiências. Essa dupla capacidade de nos carregar para outros mundos e, paralelamente, nos propiciar uma intensa vivência enriquecedora é a garantia de um dos grandes prazeres de uma boa leitura”. (MACHADO, 2002, p. 20)

A fantasia dos Contos de fadas possibilita que o ser humano constitua sua personalidade. Através da interiorização dos valores que estão explícitos ou implícitos nas histórias infantis, reforçam ou reprimem condutas e ações, como o maniqueísmo que divide as personagens, as boas e belas conquistam um final feliz, enquanto as más e feias não. Ademais, pode ser um recurso psíquico para as crianças lidarem com conflitos internos, reconhecendo seus sentimentos, medos e emoções, uma vez que apresentam soluções para problemas universais.

Os contos de fadas, são clássicos, são atemporais, uma vez que lidam com conteúdos da sabedoria popular e que são essenciais para a condição humana até os dias de hoje (ABRAMOVICH, 1995, p. 120). Para Kehl (2006) “a capacidade de sobrevivência dos melhores contos [...] consiste em seu poder de simbolizar e “resolver” os conflitos psíquicos inconscientes que ainda dizem respeito às crianças de hoje” (p.16). Embora sejam sempre os mesmos, são livros que conseguem ser

sempre novos, pois mudam de acordo com a perspectiva histórica e mudam a cada nova interpretação de quem está lendo. Segundo Calvino (1993, p.11-12)

“Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes). Isso vale tanto para os clássicos antigos quanto para os modernos. Se leio a *Odisséia*, leio o texto de Homero, mas não posso esquecer tudo aquilo que as aventuras de Ulisses passaram a significar durante os séculos e não posso deixar de perguntar-me se tais significados estavam implícitos no texto ou se são incrustações, deformações ou dilatações. Lendo Kafka, não posso deixar de comprovar ou de rechaçar a legitimidade do adjetivo kafkiano, que costumamos ouvir a cada quinze minutos, aplicado dentro e fora de contexto. Se leio *Pais e filhos* de Turgueniev ou *Os Possuídos* de Dostoievski não posso deixar de pensar em como essas personagens continuaram a reencarnar-se até nossos dias”.

Um clássico não sai de moda, eles atravessam o tempo, sendo a cada releitura uma nova descoberta. Nesse sentido, provocam o prazer de decifrar, com o desafio que sugere o desconhecido. O leitor deseja se aprofundar cada vez nas palavras que formam um belo e bom conto e conseguir satisfazer suas necessidades e conflitos internos de modo simbólico. Por conseguinte, ressaltando todos esses aspectos é notória que a riqueza desse gênero literário é imensurável, e prescindir da leitura dos contos de fadas representaria uma privação na construção do ser humano.

Deste modo, é papel da educação, constituída através da universidade oferecer tais livros, uma vez que além de ser prazeroso, é um direito e é uma forma de resistência. Logo, é imprescindível promover o contato com as versões originais e de qualidade.

A escola e a universidade deveriam servir para fazer entender que nenhum livro que fala de outro livro diz mais sobre o livro em questão; mas fazem de tudo para que se acredite no contrário. Existe uma inversão de valores muito difundida segundo a qual a introdução, o instrumental crítico, a bibliografia são usados como cortina de fumaça para esconder aquilo que o texto tem a dizer e que só pode dizer se o deixarmos falar sem intermediários que pretendam saber mais do que ele (CALVINO, 1993, p.12).

1.3 Os contos de fadas sob uma perspectiva psicanalítica

A relevância dos contos de fadas para a sociedade é inegável, mas é com o surgimento da Psicanálise, no final do século XIX, que conquista uma atenção especial. Bruno Bettelheim, em sua obra *A psicanálise dos contos de Fadas* (2021) discorre sobre tal gênero literário sob uma perspectiva psicanalítica. Segundo o autor (2021, p.11)

“Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar a sua curiosidade. Contudo, para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: **ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam**”.

Tendo em vista isso, os contos de fadas contemplam todos esses aspectos. A magia e a fantasia despertam a curiosidade, e fundamentalmente estimulam a imaginação, somado aos problemas humanos universais que são desenvolvidos nas histórias, permitem que o ser humano consiga compreender seus sentimentos e conflitos mais íntimos, e consiga solucioná-los da melhor maneira em qualquer sociedade.

Para as crianças, lidar com as adversidades da vida pode ser mais perturbador, mas os contos de fadas oferecem mais recursos do que qualquer outro gênero literário para entender melhor a si mesmo, inserido em um mundo social. Os contos de fadas transmitem mensagens à mente consciente, à pré-consciente e à inconsciente, atribuindo um significado aos seus sentimentos e organizando sua mente é possível também ordenar e entender sua vida.

“Falamos de suas graves pressões interiores de um modo que ela inconscientemente compreende, e sem menosprezar as lutas íntimas mais sérias que o crescimento pressupõe, oferecem exemplos tanto de soluções temporárias quanto permanentes para dificuldades presentes” (BETTELHEIM, 2021, p.13)

2 Alfabetização e o aprendizado da língua escrita **(NOVO capítulo? Nova página)**

Durante muito tempo, a educação foi compreendida como mera transmissão de conhecimentos e treino de habilidades que acreditava-se **(parece que é se acreditava)** que o educando deveria desenvolver. Paulo Freire (2004) utiliza o termo “educação bancária” para se referir, criticamente, a esse ensino, que enxerga

o aluno como um “banco”, no qual o educador “deposita” os conteúdos e ideias, correspondendo a uma aprendizagem passiva e mecânica.

Desta forma, por anos, presumia-se que o processo de alfabetização estava restrito ao espaço escolar, especificamente, a sala de aula. A preocupação estava em como ensinar a ler e escrever, e ela norteava os caminhos deste processo. Desconsiderando as hipóteses que são construídas pelas crianças, o ensino da alfabetização foi fundamentado no incentivo da memorização a partir do acúmulo de informações, uma vez que se acreditava que a aplicação do método pelo professor garantiria o aprendizado da leitura e da escrita.

A alfabetização era compreendida como um processo de decodificação da língua, uma vez que se tinha a concepção de língua escrita como a transcrição da fala. Nesse sentido, era considerado alfabetizado aquele que conseguia relacionar fonemas e grafemas, ou seja, associar sons e letras para produzir e interpretar palavras.

O ensino, então, partia das unidades menores (“partes”) para as unidades maiores (“todo”), começava com o os nomes das letras, dos sons correspondentes às letras ou da emissão de sons partindo das sílabas, de modo esclarecer essa relação de transcrição que acreditam. Esperava-se que o educando fosse juntando informações para conseguir ler palavras com as letras, sons ou sílabas que aprendia, a fim de posteriormente ler tais palavras em frases. Além disso, tinha-se uma grande preocupação em relação à caligrafia e ortografia, desta forma, seu ensino dependia de muitas cópias, exercícios de memorização e ditados. (MORTATTI, 2019)

Nesse cenário, apresentavam-se frases sem nexos e textos artificiais e descontextualizados, sem funcionalidade social e que não correspondem à linguagem. Estas práticas de alfabetização afastaram o educando do real significado das palavras, tornando a aprendizagem de leitura e escrita algo mecânico, reduzido a atividades técnicas e superficiais.

A linguagem falada tem marcas e características típicas da oralidade e existem expressões próprias da fala e outras mais adequadas à escrita. A expressão tipo, usual entre os jovens, é um modismo frequente no discurso oral e pouco apropriado para a escrita. Alguns alfabetizadores, buscando ajudar o aluno, desenvolvem artificialismos na fala para explicar a ortografia convencional. No caso de palavras como *voltou*, *mal*, *calma*, há professores que acreditam que para o aprendiz fixar essas

formas é de grande valia tentar mostrar a diferença entre o uso do l ou do u através da pronúncia dos sons, e enfatizam o l de malll, melll, vollltou, como se isto correspondesse à pronúncia adequada. Ora, os falantes do estado de São Paulo não fazem distinção entre tais variantes de fonemas, como os gaúchos ou alguns descendentes de europeus. A ideia de priorizar a escrita como representação tende ainda a provocar desvios: são comuns exemplos de crianças que passam grande parte do tempo em atividades de cópia. Chega-se a ver alunos com cadernos esteticamente perfeitos, mas que não conseguem identificar as letras (são os chamados copistas). Em lugar de priorizar a leitura, o trabalho da escola se reduz a atividades de coordenação motora fina, que nada tem a ver com a especificidade da escrita. (MENDONÇA, p. 120, 2011)

Portanto, é notável que tais métodos se tornaram insuficientes, e que para ser alfabetizado, não bastava o aluno saber apenas codificar e decodificar sinais. Na década de 80, a psicolinguista, Emilia Ferreiro, revolucionou a alfabetização a partir de reflexões a respeito deste processo, formulando a Psicogênese da Língua Escrita.

Desta forma, Ferreiro mudou os paradigmas da alfabetização, quando deslocou a preocupação de “como se ensina” para “como a criança aprende”, levando em consideração que a criança é um sujeito cognoscente, um ser ativo que procura conhecer e entender o mundo do qual faz parte, que constrói interpretações e que age sobre o mesmo, inclusive, articula suas ideias sobre a linguagem que a cerca. (FERREIRO, 2011).

[...] Pretendemos demonstrar que a aprendizagem da leitura, entendida como questionamento a respeito da natureza, função e valor deste objeto cultural que é a escrita, inicia-se muito antes do que a escola imagina, transcorrendo por insuspeitados caminhos. Que além dos métodos, dos manuais, dos recursos didáticos, existe um sujeito que busca a aquisição de conhecimento, que se propõe problemas e trata de solucioná-los, segundo sua própria metodologia... insistiremos sobre o que se segue: trata-se de um sujeito que procura adquirir conhecimento, e não simplesmente de um sujeito disposto ou mal disposto a adquirir uma técnica particular. Um sujeito que a psicologia da lecto-escrita esqueceu [...] (FERREIRO; TEBEROSKY, 1986, p. 11).

Ferreiro ressignificou o que se entendia pelo processo de alfabetização, uma vez, que ao interpretar como o educando se apropria dos conhecimentos a respeito da escrita, compreendeu que a aprendizagem da língua escrita não é uma simples transcrição do sonoro para um código visual, a aprendizagem compreende o modo de construção de um sistema de representação (FERREIRO, 2011).

Se a escrita é concebida como um código de transcrição, sua aprendizagem é concebida como a aquisição de uma técnica; se a escrita é concebida como um sistema de representação, sua aprendizagem se converte na apropriação de um novo objeto de conhecimento, ou seja, em uma aprendizagem conceitual. (FERREIRO, p.19, 2011)

Portanto, entende-se que o processo de alfabetização não é mecânico, a criança, assim como o jovem ou adulto analfabeto, constrói hipóteses sobre o sistema de escrita alfabético e a aprendizagem e a aquisição desse ato linguístico apresenta dificuldades conceituais semelhantes a que a humanidade percorreu para construir o sistema alfabético. Este processo, fica nítido nas produções espontâneas que as crianças realizam, e por muitos anos, este foi excluído, segundo Ferreiro (p. 20, 2011)

Se pensarmos que a criança aprende só quando é submetida a um ensino sistemático, e que a sua ignorância está garantida até que receba tal tipo de ensino, nada poderemos enxergar. Mas se pensarmos que as crianças são seres que ignoram que devem pedir permissão para começar a aprender, talvez comecemos a aceitar que podem saber, embora não tenha sido dada a elas a autorização institucional para tanto. Saber algo a respeito de certo objeto não quer dizer, necessariamente, saber algo socialmente aceito como "conhecimento". Saber quer dizer ter construído alguma concepção que explica certo conjunto de fenômenos ou de objetos da realidade. Que esse "saber" coincida com o "saber" socialmente válido é um outro problema (embora seja esse, precisamente, o problema do "saber" escolarmente reconhecido). Uma criança pode conhecer o nome (ou o valor sonoro convencional) das letras, e não compreender exhaustivamente o sistema de escrita.

O ensino da leitura não é um processo de "transformação" do que está escrito em som e o ensino da escrita não é um processo mecânico de "transformação" da fala em escrita, ou de cópia. A criança não é uma "tábula rasa", ela constrói saberes e conhecer os seus saberes prévios são essenciais para uma boa prática alfabetizadora.

Levando em consideração o educando como um cidadão crítico, construtor de conhecimento, que interpreta o mundo em que vive, é necessário situações em que possa pensar e agir sobre objeto de seu conhecimento. Além disso, é fundamental que esse objeto de conhecimento na prática escolar esteja associado à prática social para que exista sentido e significado. Desta forma, entende-se que alfabetizar é desenvolver comportamentos de escritores e leitores, e possibilitar

boas situações para que o educando se aproprie de funções sociais de leitura e escrita.

Os comportamentos do leitor são os que um leitor costuma vivenciar em seu cotidiano, como levantar hipóteses sobre o que será lido, comentar o texto com outras pessoas, indicar uma leitura a alguém, fundamentar por que não gostou de determinado livro, buscar textos adequados aos diferentes propósitos de leitura – entretenimento, pesquisa de informações, aprender a usar um novo equipamento, entre outros. Como comportamentos do escritor, entendemos aqueles que costumam ser adotados pelas pessoas ao escreverem seus textos: planejar o que será escrito de acordo com o gênero, o interlocutor e o propósito; reler de quando em quando o que está escrevendo para certificar-se de que está adequado; fazer modificações no texto com base em sugestões dadas por outros; passar o texto a limpo para que seja mais legível. (CEDAC, 2011, p.14)

Por conseguinte, cabe à escola formar cidadãos críticos. O desenvolvimento da sua criticidade está interligado a sua capacidade de ler e interpretar o mundo, de compreender o idioma que fala, de interagir com a cultura escrita, assim como produzir língua escrita. Além disso, é fundamental formar educadores capazes de alfabetizar, capazes de formar leitores e escritores. ***Nesse sentido, o presente trabalho irá discutir o uso e aplicação do Contos de Fada no ensino escolar, pois este se demonstra uma estratégia relevante para os professores alfabetizadores.***

OI Emanuelle este argumento estaria no lugar certo por lógica e coesão Parece que interrompemos uma sequência de argumentos que situavam o nosso leitor na pauta do plano geral dos contos de fada, a literatura infantil sua história e inserção e modalidades de textos e agora os contos de fadas como repertório para alfabetizar considerando o que v. já apresentou ao leitor quanto ao como se compreende o alfabetizar .

Retome o título: OS CONTOS DE FADAS NAS PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS

3. O RESULTADO DO ALFABETIZAR A PARTIR DOS CONTOS DE FADAS (nova página)

O presente trabalho leva em consideração que alfabetizar é criar oportunidades para que os educandos compreendam ativamente o sistema de escrita e sua organização, se apropriando das suas funções sociais e construindo comportamentos de leitor e escritor. Deste modo, é fundamental que tenha práticas pedagógicas respeitem o aluno, como cidadão crítico, como ser que pensa e age sobre o mundo que vive, considerando suas hipóteses e saberes, e como atores ativos do processo de aprendizagem. Nesse sentido, é essencial atentar que os educandos são leitores e produtores de texto, e que participam de uma sociedade letrada, oferecendo oportunidades para escrever, planejar a escrita, reescrever, reler, revisar. A prática escolar deve refletir a prática social de leitura e escrita. Conforme a pedagoga e pesquisadora argentina, Delia Lerner (27-28, 2002)

“O desafio é formar praticantes da leitura e da escrita e não apenas sujeitos que possam "decifrar" o sistema de escrita. É - já o disse - formar leitores que saberão escolher o material escrito adequado para buscar a solução de problemas que devem enfrentar e não alunos capazes apenas de oralizar um texto selecionado por outro. É formar seres **humanos críticos, capazes de ler entrelinhas** e de assumir uma posição própria frente à mantida, explícita ou implicitamente, pelos autores dos textos com os quais interagem, **em vez de persistir em formar indivíduos dependentes da letra do texto e da autoridade de outros.** (...) O desafio é - por outro lado - orientar as ações para a formação de escritores, de pessoas que saibam comunicar-se por escrito com os demais e com elas mesmas, em vez de continuar "fabricando" sujeitos quase agrafos, para quem a escrita é tão estranha, que se recorre a ela somente em última instância e depois de haver esgotado todos os meios para escapar de tal obrigação. O desafio é conseguir que os alunos **cheguem a ser produtores de língua escrita, conscientes da pertinência e da importância de emitir certo tipo de mensagem em determinado tipo de situação social**, em vez de se treinar unicamente como "copistas" que reproduzem - sem um propósito próprio - o escrito por outros, ou como receptores de ditados cuja finalidade - também estranha - se reduz à avaliação por parte do professor.

O conto de fadas, como estudado anteriormente, tem uma relevância histórico-social imensurável, está presente na humanidade há tanto tempo que se tornam clássicos, refletindo comportamentos e costumes, e também sonhos e aflições de um povo. Sua construção de um mundo maravilhoso, com magia e fantasia

encantam as crianças, e mais do que isso, os contos de fadas são capazes de desenvolver questões internas delas.

“Em maior ou menor medida, as crianças conhecem algumas histórias tradicionais, inclusive antes de chegar à escola. Estes contos têm suas raízes históricas na tradição oral, uma organização canônica que permite, ainda que a leitores pequenos, prever as ações e o desenvolvimento da trama. As crianças podem antecipar rapidamente como começam, como será o final – quase sempre feliz –, o comportamento dos personagens, que sem muitas motivações implícitas atuam como ajudantes ou oponentes daqueles que realizam a ação. Os cenários apresentados (os bosques, os castelos, os países distantes) constituem espaços prototípicos descritos com poucas pinceladas que funcionam como marco estável das ações. O narrador destes contos apresenta a história como alguém que conhece tudo aquilo que vale a pena ser contado, sem flutuações temporais ou vacilação em seus comentários.” Kuperman (s/d., p. 10)

O conto de Fadas como um gênero textual aplicável socialmente, presente no imaginário infantil, corresponde a texto literário pedagogicamente pertinente e um belo instrumento de prática alfabetizadora, para que as crianças se apropriem de comportamentos leitores e escritores. Esses textos são clássicos, muitas vezes já conhecidos pelas crianças, apresentam uma organização estrutural padronizada e de repetições, por exemplo, iniciar com o famoso “Era uma vez”, ter uma situação clímax e terminar com um final feliz. Esse cenário possibilita que o leitor antecipe os “próximos passos” do enredo, uma vez que conhece profundamente essas narrativas. No entanto, é imprescindível que o educador ofereça um vasto repertório com textos ricos.

Todo esse repertório oferecido para as crianças contribui, primeiramente, para formar leitores, mas também, por já saberem “o que” escrever, elas possam se preocupar com “o como” escrever. Escrever é uma atividade histórico-social de suma importância, mas não é uma atividade fácil, são muitas questões que precisam ser refletidas nesse processo, e é fundamental colocar as crianças em situações que elas pensem sobre a escrita. Com o professor como escriba, o aluno mesmo não sabendo ler e escrever convencionalmente, já é capaz de produzir textos com estruturas muito próximas das convencionais, uma vez que ele já reconhece a linguagem que se usa para escrever.

Uma situação didática pedagogicamente pertinente para a formação de escritores, em que precisam se preocupar no “como escrever” é a reescrita, e

principalmente, a reescrita de conto de fadas, por toda sua contribuição pode funcionar como uma espécie de matriz de escrita de narrativas. Com os personagens, cenários, um enredo e estrutura conhecida, a criança já conhecendo sua composição, vai refletir sobre como escrever essa história, e por fim se apropria da linguagem que usa para escrever, percebendo que é diferente da que se usa para falar, em uma situação de produção de texto real.

“Reescrever uma história conhecida é uma situação didática que permite colocar ênfase no como se escreve, mais do que em o que se escreve. A história permanece, em termos dos personagens e da trama que já estão dados; o problema consiste em como colocar em linguagem escrita o que se sabe dela.” (KUPERMAN, s/d., p.9)

É por meio da leitura que se aprende a linguagem que se escreve, ouvindo e lendo histórias é capaz de produzir narrativas escritas de qualidade e formar leitores e escritores competentes. Nesse sentido, pensando numa atividade de reescrita de conto de fadas, ainda que seja um gênero textual conhecido pelas crianças, é preciso que a escola amplie contato e o repertório das crianças, inclusive trabalhando com várias versões de qualidade literária e estética de um mesmo conto para enriquecer este processo e oferecer mais elementos sobre a linguagem escrita e sobre a composição de tal gênero.

“(…) a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. Por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever.”(…) (PCN, 1997, p. 40)

Com a finalidade de ensinar essa linguagem que se escreve é necessário criar situações didáticas de leitura e de escrita permeadas de sentido, considerando as práticas sociais de uso da escrita. Desta forma, é de extrema importância que ao propor uma reescrita de conto de fadas, o educador defina uma situação comunicativa, estabelecendo para quem, de que forma e onde será produzido e divulgado o texto.

“É preciso que se coloque as questões centrais da produção desde o início: como escrever, considerando ao mesmo tempo, o que pretendem dizer e a quem o texto se destina – afinal a eficácia

da escrita se caracteriza pela aproximação máxima entre a intenção de dizer, o que efetivamente se escreve e a interpretação de quem lê.” (PCN, 1997, p. 66)

Além disso, escrever é uma tarefa complexa, para formar escritores, é essencial nas produções textuais, exercer comportamentos de escritor, como recuperar elementos da narrativa, planejar o que será escrito, textualizar, reler e revisar mais de uma vez.

Os contos de fadas podem se constituir em modelos para a escrita em termos de personagens, personagens principais, protagonismos, herói vilão, trama contradições, sabedoria, a variação imaginativa, organização do plano de escrita. Desta forma, com a reescrita de conto de fadas é possível atrelar propósitos pedagógicos quanto sociais, preservando o sentido da leitura e da escrita, ao mesmo tempo que é prazeroso e interessante para a criança ler e escrever.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho mostrou que os Contos de Fadas desempenham valiosas contribuições para o processo de alfabetização, e desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita das crianças. Embora existam outros gêneros textuais na Literatura Infantil, o conto de Fadas é tão relevante e enriquecedor, pois impulsiona a imaginação da criança, como nenhum outro.

O conto de fadas possibilita reconhecer as próprias emoções e até mesmo reconhecer os conflitos internos inconscientes, oferecendo soluções para estas pressões. Além disso, é uma leitura prazerosa, seu enredo mágico encanta e instiga o desejo de escutar atentamente as histórias. É compreensível, o porquê desse gênero textual prevalecer mesmo com o passar do tempo, e não ser considerado “velho” ou “antiquado”, mas sim um clássico.

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que oferece mecanismos de desenvolvimento emocional e social, o conto de Fadas desenvolve o indivíduo cognitivamente. Como recurso alfabetizador, este se demonstrou pedagogicamente pertinente, seu uso e aplicação no ensino escolar aprimoram as práticas pedagógicas de alfabetização.

Com uma narrativa ímpar, composta por uma riqueza de elementos, oferece um vasto repertório para a criança refletir sobre a linguagem que se escreve. Possibilita que o educando, sujeito falante de um idioma, compreenda a língua que fala, como saiba ler nas entrelinhas, a partir de práticas com significado e sentido, que visam o uso social da escrita.

Alfabetizar abrange formar praticantes da leitura e da escrita e não apenas sujeitos que saibam decodificar o sistema de escrita. Desta forma, não é tarefa fácil, uma vez que a alfabetização, assim como a educação, por muitos anos esteve atrelada a práticas técnicas maçantes de repetição e cópia, e o educando quando deveria ser agente ativo do seu processo de aprendizagem, era posto a uma posição passiva. Quando se leva em consideração a escola como formadora de cidadãos, é fundamental formar para que sejam sujeitos ativos e críticos, que constroem conhecimento e que interpretam, convivem e agem com o mundo que está à sua volta.

Portanto, deve-se formar leitores e escritores, educandos capazes de identificar os sentidos e significados da leitura e escrita, e desenvolver e internalizar comportamentos de um leitor e escritor. Os contos de fadas se apresentam como recurso para tal e uma estratégia para um professor didaticamente preparado para alfabetizar.

Por conseguinte, esse trabalho possibilita que o educador reflita sobre sua prática pedagógica, pense e repense sobre a alfabetização, ofereça caminhos para outros estudos e inspire a utilização e a aplicação dos Contos de fadas como recurso alfabetizador.

Emanuelle

Vamos encerrando o trabalho. Siga na formatação final as instruções que foram adotadas na unidade temática preparatória para o TCC.

Vamos já pensando no leitor/leitora crítica e data para a avaliação.

Mande notícias,

Bons trabalhos.

M. Anita

30 de out. 23

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (verifique se toda a bibliografia citada está nas referências.)

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Editora Companhia das Letras, 2007.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CÂNDIDO, Antônio. Vários escritos. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

FERREIRO, E. (2011) Reflexões sobre a Alfabetização. 2. ed. São Paulo: Cortez/Editores Associados.

FERREIRO, E; TEBEROSKY, Ana. (1985) Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas.

Kehl M. R. (2006). A criança e seus narradores (Prefácio). In: Corso, D. L., Corso M. *Fadas no Divã: Psicanálise nas Histórias Infantis*. (pp 15-19). Porto Alegre: Artmed.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário.** Artmed Editora, 2018.

MACHADO, E. M. A. (2004) Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA): um ressignificar da prática docente? 2004. 114f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul: Campo Grande.

RODRIGUES, Scheila Leal et al. Literatura infantil: origens e tendências. **Seminário Internacional de Educação do Mercosul**, v. 15, 2013.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. Valorizações afetivas nas representações de contos de fadas: um olhar piagetiano. Bol. psicol, São Paulo , v. 55, n. 123, p. 205-232, dez. 2005 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432005000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 set. 2023.